

INTERNACIONAL

Vice de McCain testa
eleitorado femininoHá dúvidas sobre se Sarah Palin
conseguirá atrair os votos
que iriam para Hillary • PÁG. 18

CAOS NA BOLÍVIA ▶ Início de diálogo

Evo aceita negociar autonomia

Presidente diz que está disposto a revisar projeto de Constituição para pôr fim a conflito com oposição, que já matou 18

Renata Miranda
ENVIADA ESPECIAL
SANTA CRUZ, BOLÍVIA

O presidente boliviano, Evo Morales, disse ontem estar disposto a revisar o projeto da nova Constituição para facilitar um acordo com a oposição e pôr fim à crise institucional que toma conta do país. “Estamos autorizados pelos movimentos sociais a revisar o projeto de autonomia que está na Constituição Política do Estado”, disse Evo durante entrevista coletiva.

“Se é pela unidade nacional e pela democracia, há total abertura.” O presidente disse que sua oferta era na realidade uma reiteração de convocações prévias para aglutinar o projeto da nova Carta com os estatutos autônomos aprovados nos departamentos (Estados) de Santa Cruz, Tarija, Beni e Pando.

Evo ainda insistiu que sempre manteve a opção de diálogo em aberto e comemorou os resultados obtidos na madrugada de ontem na reunião entre membros de seu governo e o representante da oposição autonomista – o governador de Tarija, Mario Cossío. Evo disse que muitos avanços foram obtidos e confirmou para hoje um novo encontro do qual deve participar pessoalmente. O presidente também disse que não vê necessidade de estender o estado de sítio vigente no Departamento de Pando para mais regiões do país, se os opositores interromperem seus ataques.

Há mais de uma semana, grupos opositores vêm promovendo violentas manifestações para protestar contra a convocação feita por Evo de um referendo constitucional marcado para 7 de dezembro. Eles também pedem a restituição de um imposto sobre os recursos de gás e petróleo que eram repassados aos governos locais, mas foram confiscados por La Paz para a criação de uma pensão para aposentados. A oposição concentrada em quatro dos nove departamentos bolivianos também exige que o governo reconheça suas autonomias.

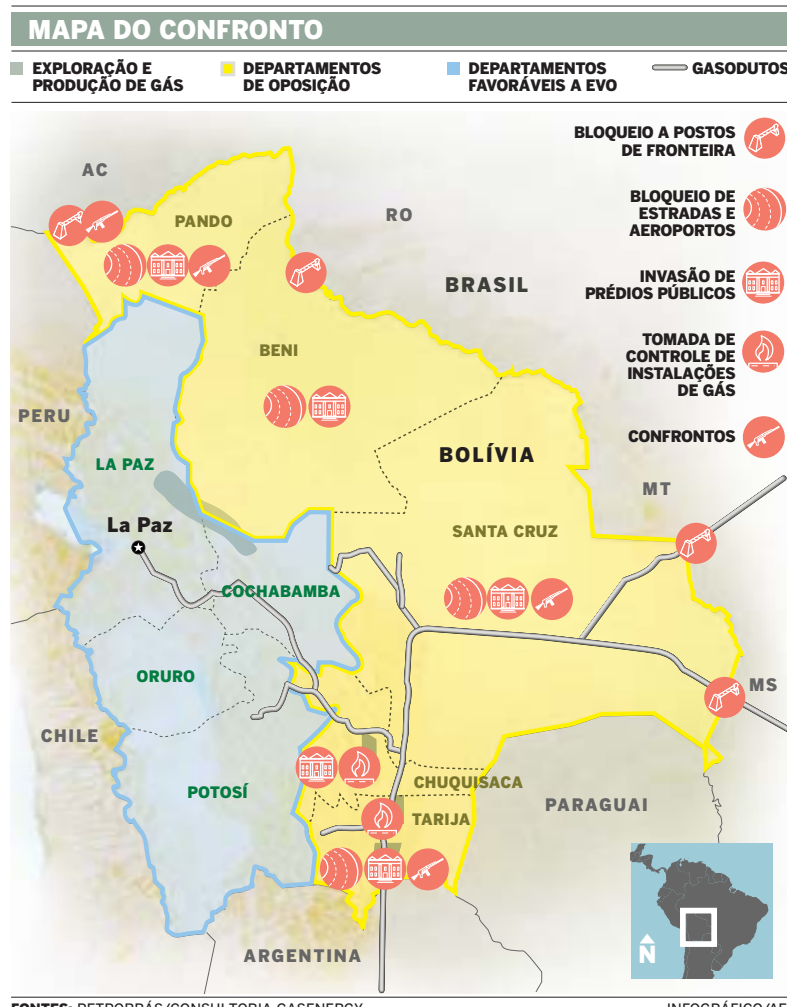
Em Santa Cruz, consulado venezuelano foi protegido pela Guarda Nacional, após rumores de que a oposição estaria planejando tomar o prédio. Desde o início dos protestos, mais de uma dezena de prédios públicos foram tomados pelos manifestantes em várias regiões.

O governo boliviano elevou ontem para 18 o número de mortos nos confrontos armados ocorridos nos últimos dias no Departamento de Pando, que está em estado de sítio desde a sexta-feira. A maioria das mor-



FOTOS JOSE PATRICIO/AE

RADICALIZAÇÃO – Manifestantes pró-autonomia protestam em Santa Cruz: sinceridade de disposição de Evo para diálogo é posta em dúvida



tes foi consequência dos choques entre camponeses leais a Evo e grupos opositores no departamento. Na cidade de Cobija, perto da fronteira com o Brasil, uma pessoa morreu e seis

ficaram feridas ontem após confrontos entre opositores e militares, que tentavam retomar o controle do aeroporto da cidade. O presidente do Conselho do Governo Departamental de

Lula aceita ir a reunião no Chile

Em sua primeira manifestação pública sobre o conflito na Bolívia, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva declarou que aceita ir à reunião de urgência convocada pela presidente do Chile, Michelle Bachelet, dos presidentes da União das Nações Sul-Americanas (Unasul), mas ressaltou que o encontro será inócuo se ele não ocorrer com a concordância do governo e da oposição bolivianos.

“Não temos o direito de tomar nenhuma decisão, sem que haja concordância do governo boliviano e da oposição. Senão, será ingerência de um país na soberania de outro e isso o Brasil não fará em hipótese alguma”, afirmou Lula. Ele destacou que desde quinta-feira tem conversado com os presidentes Evo Morales, da Bolívia, Cristina Kirchner, da Argentina, e Hugo Chávez, da Venezuela. Lula fez um apelo a todos os setores da Bolívia para que se entendam. “A melhor solução para resolver um conflito é a negociação, por isso eu queria fazer

um apelo ao povo boliviano, aos empresários, aos trabalhadores, ao governo e à oposição, que permitam que a Bolívia encontre seu destino, fortalecendo sua democracia, suas instituições e se desenvolvendo, pois a Bolívia precisa disso”, comentou o presidente.

Ao mesmo tempo em que chamou todos para o diálogo, Lula criticou a oposição boliviana por estar prejudicando o maior bem do país: a produção de gás. “Entendo que a oposição precisa fazer as manifestações que quiserem fazer. Mas não é possível aceitar a violência, quebrar o gasoduto, prejudicando seus parceiros como Brasil e Argentina”, desabafou. Lula disse que pretendia conversar com a presidente chilena e se a reunião for mantida para amanhã no Chile pretende comparecer. Mas insistiu que é preciso que a Bolívia concorde com a interferência.

● TÂNIA MONTEIRO

Pando, Leopoldo Fernández, disse ao Estado que a ordem era não acatar o estado de sítio e resistir até as exigências serem atendidas. O governador de Pando, Leopoldo Fernán-

dez, rejeitou os rumores de que brasileiros e peruanos tivessem sido pagos para participar dos protestos e criticou a “habilidade do governo para desvirtuar as coisas”. ●

Líder entendeu mal a voz das urnas, dizem analistas

Evo não teria compreendido que referendo também legitimou governadores de oposição

SANTA CRUZ, BOLÍVIA

- O impasse entre oposição e governo divide a Bolívia em dois países distintos. De um lado, quatro dos nove departamentos (Estados) bolivianos que exigem autonomia. De outro, o governo do presidente Evo Morales que clama pela unidade nacional. A solução para o confronto parece longe.
- “Não há datas nem prazos para resolver o problema”, afirmou o cientista político Carlos Toranzo, coordenador de projetos da Fundação Friedrich Ebert, em La Paz. “Enquanto os dois lados não derem início a

um diálogo aberto e sincero, a situação tende a piorar.”

Toranzo afirma que os protestos se radicalizaram após o referendo revogatório de 10 de agosto. “Após o resultado da ratificação dos líderes no poder, o governo de La Paz foi legitimado, mas ao mesmo tempo, os autonomistas também”, disse o analista. “Evo, do alto de sua votação de 67% no referendo revogatório, parece não ter entendido bem a natureza desse resultado e o viu como um sinal verde para seguir em frente com seu projeto hegemônico e decidiu convocar a votação para a nova Carta boliviana.”

Na sexta-feira, Evo convidou os governadores das regiões opositoras de Santa Cruz, Beni, Pando e Tarija para negociar o fim da crise institucional que toma conta do país. Mas segundo Toranzo, Evo já fez outras convocações que não foram bem-sucedidas. “Outras vezes, o presidente mostrou-se disposto a dialogar, mas apenas para obter uma repercussão positiva na imprensa nacional e internacional”, disse. “Se os dois lados não atenuarem as exigências, uma solução é pouco provável.”

O analista político Marco Antonio Fernández explica que as duas partes têm visões diferen-

tes e projetos distintos para o desenvolvimento do país. “Tanto governo quanto oposição agem como fundamentalistas. Aparentemente, nenhum dos dois lados se dispõe a entender a questão social na Bolívia para chegar a um consenso.”

A oposição é contra o projeto da nova Constituição promovido por Evo, à qual qualifica de “ditatorial” por ter sido aprovada de maneira unilateral por deputados do partido governista, em sessão extraordinária e em um quartel no ano passado. Ela também quer o reconhecimento das autonomias regionais.

Para Fernández, a crise do

país vai além do tema da autonomia: “A questão do limite para os latifúndios também é parte do problema.” Os bolivianos também deverão determinar no dia do referendo se as propriedades rurais terão de se limitar a 5 mil ou 10 mil hectares.

Para os analistas, o principal prejudicado com o confronto será o próprio Evo. “Nos últimos dias ficou provado que o Estado é incapaz de organizar-se”, disse Toranzo. “Evo sai politicamente debilitado e com poucas chances de se recuperar do desgaste.” ● R.M.

Conflito com
EUA mascara
erros políticos
internos

Ruth Costas

Pela primeira vez em muitos anos, a ameaça de um conflito civil voltou a se materializar na América Latina na semana passada. A falta de diálogo entre oposição e governo e a fragilidade institucional da Bolívia levou o país ao caos. E tanto o presidente boliviano, Evo Morales, quanto o venezuelano, Hugo Chávez, não tiveram dúvida sobre qual a primeira medida a tomar: antes de qualquer coisa, culpe os EUA.

“Washington é usado por esses governos como um bode expiatório, é o ‘inimigo externo’ ao qual ambos culpam por problemas internos em seus países”, disse ao Estado o analista político Gonzalo Chávez, da Universidade Católica Boliviana, comentando o fato de a Bolívia e a Venezuela terem expulsado os embaixadores americanos de seus territórios na semana passada, acusando-os de complô. “O discurso deles é que, se a oposição causa problemas, é porque está recebendo ajuda dos EUA, e não porque há medidas e políticas internas rejeitadas por parte da população.”

As relações com os EUA, que já estão num momento bem delicado, ameaçam piorar: em novembro, a Rússia fará exercícios militares no Caribe em parceria com a Venezuela. “É uma mensagem ao Império”, disse o líder venezuelano. “Não somos mais um país solitário.”

Elsa Cardozo, especialista em relações internacionais da Universidade Metropolitana de Caracas, explica que as raízes do antiamericanismo na região estão ligadas a duas realidades históricas. A primeira são as intervenções dos EUA em países latino-americanos nos séculos 19 e 20, até o fim da Guerra Fria. Só entre 1900 e 1920, os americanos intervieram em 28 países. O segundo é a exploração, por multinacionais americanas, dos recursos naturais de alguns países.

Nos anos 90, o antiamericanismo foi um fenômeno quase marginal, até ser recuperado por grupos e líderes políticos com discurso nacionalista, como Chávez e Evo. “Obviamente nem em todos os países o discurso antiimperialista é tão visceral, mas a verdade é que este também não é um fenômeno restrito à Venezuela e a Bolívia, ou à região”, diz Cardozo. “A truculenta resposta ao 11 de Setembro, com as intervenções no Iraque e no Afeganistão, fez o sentimento antiamericano crescer em todo o mundo durante o governo Bush. Mas na América Latina, em especial, o problema foi que os EUA passaram a se concentrar em uma agenda negativa – basicamente, a guerra ao terror e ao narcotráfico.”

No caso de Evo, a aversão aos EUA também está ligada a sua história pessoal. Evo surgiu como líder sindical dos plantadores de coca da região do Chapare – e os EUA por muitos anos pressionaram para o governo boliviano erradicar tal cultivo como parte de sua luta contra as drogas. “Hoje não há dúvida de que o apelo do discurso anti-EUA na Bolívia tem causas muito mais emocionais que racionais”, diz Gonzalo Chávez. ●